

Turismo étnico afro no Brasil

Luiz Gonzaga Godoi Trigo¹

Alexandre Panosso Netto²

Resumo

O turismo étnico-afro é parte do turismo segmentado, inserido no contexto da valorização cultural e cidadã nas sociedades pluralistas, democráticas e com forte consciência de preservação cultural e artística, inclusão social e respeito à diversidade étnica, cultural e comportamental. O turismo étnico-afro deve ser realizado a partir da consciência social, cultural e política das comunidades envolvidas. A valorização da cultura africana, ao ser transposta para o Brasil, deve ser entendida em seu eixo histórico, para se compreender a riqueza e as dificuldades por que essas culturas passaram ao longo do período colonial até sua situação atual, como protagonista na sociedade, em geral e no turismo, em particular. O planejamento, operação e gestão do turismo étnico-afro exige a compreensão das características históricas, antropológicas, sociais, políticas e econômicas das culturas envolvidas nesse processo para evitar preconceitos, visões erroneamente “exóticas” ou mal interpretadas dessas culturas e povos.

Palavras-chave: turismo étnico-afro. Turismo cultural

Introdução

No decorrer da última década (2000-2010), o turismo brasileiro passou por várias transformações econômicas, sociais e culturais. Uma das características do planejamento e operação do turismo no país foi o reconhecimento de segmentos de mercado mais especializados e delimitados, seja enquanto potencial a ser explorado ou produtos quase prontos para serem oferecidos. Há três exemplos recentes de como as políticas oficiais incentivaram o turismo étnico-afro no Brasil. Em 2006, o Ministério da Cultura e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), publicaram o livro *Os tambores da Ilha. É um estudo sobre as “manifestações culturais populares maranhenses, o Tambor da Crioula ... é uma forma de expressão de matriz afro-*

¹ Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

² Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores” (Ramassote, 2006, p. 16). O segundo exemplo é o manual organizado pela Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, intitulado *Turismo étnico afro na Bahia* (2009). Seu conteúdo analisa a diversidade cultural negra trazida ao país, abrangendo os principais grupos étnicos: sudaneses (ioruba, daomeanos, mina), bantos do grupo angola-congolês, bantos da Contra-Costa de Moçambique, islamizados (peuhls, mandingas, haussa), de civilizações totêmicas, matrilineares e patrilineares (Bastide, 1971, p. 67-68). O terceiro exemplo é o circuito Rota da Liberdade, que promove o resgate da cultura negra no país por meio do turismo no Vale do Paraíba, Litoral Norte (SP) e Serra da Mantiqueira, na divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

O problema que antecede qualquer planejamento ou organização de roteiros étnicos afro no Brasil refere-se à compreensão das culturas negras no país, em virtude de suas diversas origens africanas. Assim como não existe uma “cultura nativa” nas Américas, haja vista a pluralidade de povos indígenas no continente, tampouco há uma “cultura negra”, pois “*os negros introduzidos no Brasil pertenciam a civilizações diferentes e provinham das mais variadas regiões da África.*” (Bastide, 1971, p. 30). O turismo étnico-afro depende, portanto, de uma compreensão histórica, cultural, social, econômica e política da negritude no Brasil, especialmente do que significou o brutal processo de escravidão que durou da primeira metade do século XVI até 1888.

Método

A valorização das culturas afro no Brasil é algo recente, fruto do sistema escravocrata que existiu no país desde suas origens até o final do século XIX. Mesmo após a abolição da escravidão, no período republicano, a estrutura social dominante brasileira manteve distinção entre as elites e as classes populares. O rico período de criação artística, cultural e educacional iniciado na década de 1960, foi interrompido pela ditadura militar de 1964. Somente a partir de meados da década de 1980, após a redemocratização do país, é que aparecem interesses pelos estudos de gênero e minorias étnicas, sexuais e culturais, que marcam as sociedades livres e dotadas de consciência ética e cidadã dirigida a todos os segmentos da população. Finalmente, nas últimas duas décadas do século XX, a cultura afro-brasileira aflora de maneira mais consistente e

organizada em vários pontos do Brasil e se constitui, aos poucos, em um respeitado e reconhecido segmento nacional.

A finalidade dessa análise é, portanto:

1. Traçar a história do início do reconhecimento das culturas afros no Brasil, através de textos acadêmicos e documentos oficiais, a partir do século XX, tendo como parâmetro de análise os estudos culturais, desenvolvidos em meados do século passado (Cevasco, 2008);
2. Identificar as forças políticas decisivas no próprio contexto dessas culturas, para garantir o respeito às identidades afro-brasileiras e a conquista de um orgulho e reconhecimento próprios;
3. Compreender como os destinos e roteiros turísticos étnico-afro se inserem nesse contexto e como devem ser devidamente trabalhados. Essa compreensão é fundamental para evitar que os roteiros sejam marcados pelos estereótipos, pelo estigma do “exotismo” ou pela reprodução de preconceitos que marcaram a vida dos negros no Brasil.

O turismo étnico afro no Brasil

Entender outra cultura depende de disponibilidade, alteridade e método científico para saber como essa cultura se manifestava e como ela interagiu com outras ao longo do tempo e do espaço. O Brasil possui uma população considerável (180 milhões de habitantes) e com culturas complexas. *“As interpenetrações de civilizações não constituem fenômeno novo, ligado à expansão europeia do século XIX. Ao contrário, pode-se dizer que a história da humanidade toda é a história do contato das lutas, das migrações e da fusões culturais.”* (Bastide, 1971, p. 23).

Um dos primeiros poetas a cantar a terra com romantismo, mas também com sátira, foi Gregório de Matos Guerra (1636-1695) que imortalizou em seus versos a Bahia, tanto suas qualidades como defeitos. Outros escritores são importantes para entender a cultura local. João Ubaldo Ribeiro narra a vida de uma família negra baiana em *Viva o povo brasileiro* (1984), vivendo na ilha de Itaparica e no recôncavo, uma área próxima a Salvador, durante quase três séculos. O turismo afro obedece a um calendário de festas que, em Salvador, ocorre em pleno verão. Começa com a festa de Iansã (Oyá/Santa Bárbara, 04/12)); passando pela festa de Nossa senhora da Conceição da Praia (08/12); as procissões dos navegantes (01/01); a festa de Iemanjá (02/02) e terminando com o carnaval. Sem contar que o ano inteiro há pelo menos uma

festividade no calendário fixo que envolve cortejos, missas, bênçãos, música ou gastronomia. “*Para um observador desatento, os festejos populares de Salvador podem parecer iguais. Eles pertencem ao mesmo ciclo do tempo das festas de verão. Pode até dizer que na Bahia, em toda festa de santo católico há procissão, lavagem de escadaria de igreja, banho de água de cheiro e o vai e vem de uma gente alegre que, ao mesmo tempo, paga promessa, bebe, se lambuza de azeite de dendê, cata e dança atrás do trio elétrico.*” (Couto, 2010, p. 93). O texto de *Turismo étnico afro na Bahia* elenca as seguintes festas de Salvador (sem contar as festas religiosas católicas que estão em outro calendário da Bahia e as outras festas de outras regiões do Brasil):

Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte – nasceu nas senzalas, há cerca de 150 anos;

Congada – mistura de herança africana com cultura portuguesa, sua origem remonta ao Congo, 1482;

Lindro Amor – é um cortejo peditório em benefício das festas de Nossa Senhora da Purificação ou de São Cosme e Damião, tradição do tempo da escravidão;

Nego Fugido – Folgado variante do quilombo, tem pelo menos um século;

Zambiapunga – cortejo de homens mascarados que saem pela madrugada, era dedicada ao deus supremo do candomblé de Angola;

Bembé do Mercado – realizada todo dia 13 de maio, desde 1889 (data em que a princesa Áurea assinou a lei que extinguiu a escravidão no Brasil), para comemorar o fim da escravidão.

No que se refere à música, a influência negra ouve-se na batucada, no samba, no samba-reggae ou no Axé Music. A antropóloga Goli Guerreiro fez um estudo profundo sobre a musicalidade baiana em sua tese de doutorado (FFLCH-USP, 1999), intitulada *A trama dos tambores*, onde analisa o samba-reggae. Goli atualmente escreve um blog (<http://www.terceiradiaspora.blogspot.com/>) onde explora a situação mundial das culturas afro atuais e apresenta um conceito inédito de “Terceira Diáspora”, mais estético e midiático do que meramente sociológico:

“A primeira diáspora, pela via da escravidão, ocorreu com os deslocamentos históricos do tráfico negreiro e o retorno de ex-escravos para a África. A segunda, pela via dos deslocamentos voluntários, como a migração de jamaicanos para Londres; de portoriquenhos para New York; de beninenses para Paris; etc. A terceira diáspora é o

deslocamento de signos provocado pelo circuito de informação tecnológico/eletrônicos tais como discos, filmes, cabelos, slogans, gestos, modas, bandeiras, ritmos, ícones, ideologias, etc.” Fonte: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19287.pdf>

O Brasil no contexto internacional afro

O turismo étnico é bem definido pelas políticas oficiais brasileiras:

“O Turismo Étnico constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do turista, em um retorno às tradições de seus antepassados.” Fonte:

http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf

Se for bem planejado, implementado e administrado, ele pode promover a interação do turista com a população local; dos turistas entre si, no contexto local; e dos moradores locais entre si, na relação com o turismo e os turistas. O turismo étnico insere-se, portanto, no que se pretende entender por sociedades democráticas, pluralistas, complexas, multiétnicas e multiculturais. No Brasil, os estudos sobre a consciência negra são recentes e seus primórdios possuem pouco mais de um século. O primeiro texto publicado foi *L'Animisme fétichiste des négres de Bahia*. (Paris, 1900), escrito pelo médico Nina Rodrigues e foi um marco histórico da sociologia sobre o negro no Brasil.

Na década de 1950, houve estudos sobre o tráfico, a escravatura e a abolição, sob uma perspectiva histórica e econômica, além de estudos antropológicos sobre as culturais africanas. Mas apenas depois da década de 1970, surgem estudos realizados com base na consciência dos próprios negros sobre identidade, inclusão e participação social. Nesse sentido, uma autora fundamental é Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Negra, pobre e favelada, nascida em Sacramento (MG), Carolina de Jesus escreveu

Quarto de despejo, um texto base para estudos culturais no Brasil. Carolina conheceu desde a infância a discriminação em uma sociedade elitista daquela época, devido a sua condição de neta de escravos, negra e pobre. Passou a infância e adolescência no interior de Minas Gerais e São Paulo, procurando sobreviver. Em 1937, aos 23 anos, perdeu a mãe e foi para São Paulo, em busca de melhores oportunidades. Entre empregos informais e trabalhos domésticos, a futura escritora, sonhava com a literatura. O reconhecimento veio por acaso quando o repórter do jornal *Folha da Noite*, Audálio Dantas foi fazer uma matéria sobre a favela do Canindé (1958). Entre os barracos da favela, o jornalista conheceu de Carolina, que lhe mostrou seus textos. Era seu diário, escrito em cadernos velhos, relatando a dura realidade em que vivia Carolina e os outros favelados do Canindé. O jovem repórter ficou maravilhado com a leitura e, em 19 de maio de 1958, o jornal publicou parte do texto. As elites ofereceram grande resistência à sua carreira literária, justamente pelo fato de ser pobre e fora dos círculos artísticos e literários locais.

“O turismo étnico constitui-se das atividades decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e identidade de grupos étnicos. Busca-se estabelecer contato com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, aprender suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Busca também as próprias origens do turista, em um retorno às tradições dos seus antepassados. Envolve as comunidades representativas dos processos migratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas, e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores em seu modo de vida, saberes e fazeres.” Fonte: Ministério do Turismo, 2006. **Segmentação do turismo.**

O turismo étnico-afro engloba outros aspectos culturais como a gastronomia, os centros culturais, os museus e redes de relacionamentos formais ou informais. No Brasil, uma das obras específicas intitula-se *Comida de santo*, escrito por Maria Helena Farelli (Rio de Janeiro: Pallas, 2000). Outro livro importante é *Santo também come*, (Rio de Janeiro: Pallas) de Raul Geovanni da Motta Lody. Esses textos são ecos de um livro clássico de Roger Bastide, já esgotado, intitulado *A cozinha dos deuses - alimentação e candomblé* (1953), escrito durante sua permanência no Brasil, como professor da Universidade de São Paulo.

As pesquisas com ingredientes culinários são parte de uma pesquisa maior que envolve sementes, plantas, flores, frutos e tudo que a flora tropical brasileira oferece para alimentação, remédios, encantamentos ou venenos. O clássico sobre as plantas africanas é o livro de Pierre Fatumbi Verger, intitulado *Ewé – O uso das plantas na sociedade Ioruba* (São Paulo: Companhia das Letras), um guia detalhado sobre as características e propriedades de várias plantas importantes para as religiões afro-brasileiras.

Conclusões

O turismo étnico afro surge no, Brasil, no contexto de uma crescente valorização das culturas negras que migraram para a América na época da escravidão colonial europeia e mesclaram-se a outras culturas, seja a europeia ou as nativas americanas, formando novas configurações sociais, econômicas e culturais. Roger Bastide identifica, ao longo da história das lutas dos negros pelo reconhecimento civil, *“uma espécie de antagonismo entre duas soluções ao problema do negro brasileiro, a solução cultural e a solução política; onde triunfou a primeira, a política não teve presença, e onde a segunda prevaleceu, a resistência cultural anterior logo se anulou.”* (Bastide, 1971, p. 74).

O turismo étnico afro precisa ter consciência de que se insere em uma vertente histórica e em um espaço econômico, cultural e social que exige cuidados e atenções para uma população que foi, durante séculos, submetida a um tratamento desigual provocado pelo racismo sistêmico do regime escravocrata. Esse sistema deixou marcas visíveis e sensíveis na sociedade brasileira. Por causa da estabilização democrática e das conquistas no âmbito da cidadania, do pluralismo e da diversidade, juntamente com outros segmentos excluídos ou marginalizados da sociedade, as culturas de origem negra ganharam espaço e visibilidade, participando cada vez mais da vida nacional em todos os níveis. O problema do antagonismo, analisado por Roger Bastide, precisa ser considerado pelo turismo. O setor deve auxiliar tanto no campo das políticas públicas de turismo e de inclusão social, quanto na elaboração de políticas – públicas ou privadas – no campo das artes e cultura. Dessa forma, pode-se minimizar essa dicotomia entre política e cultura através de práticas de lazer, esportes e turismo que considerem a

participação das comunidades envolvidas nos diversos projetos, que garantam a sustentabilidade – natural e cultural – a inclusão e a justa distribuição de renda e lucros.

As palavras que Edward Said utiliza para exemplificar o preconceito em relação aos orientais, serve perfeitamente para os negros das Américas: *“Junto com todos os outros povos designados, de forma variada, como atrasados, degenerados, incivilizados e retardados, os orientais eram vistos numa estrutura construída a partir do determinismo biológico e da censura moral-política. O oriental era, portanto, associado a elementos na sociedade ocidental) os delinqüentes, os insanos, as mulheres, os pobres) que tinham em comum uma identidade mais bem descrita como lamentavelmente estrangeira.”* (Said, 2007, p. 281). Os negros eram os estrangeiros nas sociedades escravocratas americanas, os próprios nativos eram vistos como estrangeiros perante o verdadeiro estrangeiro que era o europeu, mas que se via imbuído de uma missão sagrada (levar a verdadeira religião cristã aos outros povos) e civilizatória (disseminar a ciência, a boa gestão e o progresso).

No século XIX, antropólogos darwinianos e frenologistas estruturavam teorias racistas, totalmente sem base científica, para justificar a pretensa superioridade da civilização ocidental, cristã e eurocêntrica, sobre os outros povos. Essas teorias racistas foram enriquecidas pela lingüística comparada e pela filologia da época (Said, 2007, p. 148).

Observando a crescente valorização das culturas afro no Brasil e no mundo, ao lado da estruturação de roteiros e destinos turísticos baseados especialmente na etnia e na cultura, surge o questionamento sobre o que levou uma cultura marginalizada, estigmatizada e considerada inferior a ser gradualmente reconhecida e respeitada. Esse reconhecimento e respeito surgiram de dentro para fora, ou seja, as próprias comunidades de ascendência africana passaram a se orgulhar de suas raízes e a assumir suas características étnicas e culturais: tipos e cortes de cabelos, vestuário, música, alimentação, linguagem, posturas, tradição e imaginário. Mas, existiu algo forte suficiente para catalizar e incentivar valores que transcenderam os seculares preconceitos que mantinham os negros e mulatos em um patamar inferior na sociedade brasileira? A resposta é sim e, de acordo com vários estudiosos, a motivação é religiosa. *“A manutenção das religiões africanas deve ser vista definitivamente no dualismo de classes opostas. O negro não podia se defender materialmente contra um regime onde*

todos os direitos pertenciam aos brancos; refugiou-se, pois, nos valores místicos, os únicos que não lhes podiam arrebatam. Foi ao combate com as únicas armas que lhes restavam, a magia dos feiticeiros e o mana de suas divindades guerreiras. Mas, naturalmente, essa nova orientação dada às representações coletivas trazidas da África alteraria o seu significado.” (Bastide, 1971, p. 96). Foi esse mesmo sentimento religioso que provocou a revolução dos escravos no Haiti (iniciada em 1791, culminou com a independência da França em 1804, sendo considerada a única rebelião vitoriosa dos escravos desde a antiguidade ocidental) e marcou as religiões afro no sul dos Estados Unidos, no Caribe e em vários pontos da América do Sul.

Mas e o trabalho de evangelização cristã, feito por missionários franciscanos, dominicanos e jesuítas junto aos índios e aos negros? *“A catequização permaneceu superficial: o catolicismo se sobrepôs à religião africana, durante o período colonial, mas não a substituiu. À sombra da cruz, da capela do engenho e da igreja urbana, o culto ancestral continuou, o que levou Nina Rodrigues a afirmar, no fim do período escravista, a ‘ilusão da escravidão’.* (Bastide, 1971, p. 181).

Essas religiões africanas animistas receberam, no Brasil, a denominação de “candomblé”, com características bem definidas e locais. Nessas religiões, há um deus primordial que se utiliza dos orixás, antigos seres vivos que adquiriram energias poderosas, para se comunicar com os humanos. Na África, o orixá é familiar e cada família tem os seus orixás, sendo o membro mais velho da família seu oficiante. Ali existem cerimônias públicas com todos os orixás. A festa do inhame, por exemplo, principal alimento africano, começa logo depois da colheita com uma oferenda aos orixás antes de ser distribuído ao povo. Uma diferença religiosa importante é que no Brasil, cada terreiro de candomblé tem vários orixás, na África cada terreiro possui apenas um orixá.

Reginaldo Prandi considera que *“desde o início as religiões afro-brasileiras se formaram em sincretismo com o catolicismo, e em grau menor com religiões indígenas. O culto católico aos santos, numa dimensão popular politeísta, ajustou-se como uma luva ao culto dos panteões africanos. Com a umbanda, acrescentaram-se à vertente*

africana as contribuições do kardecismo francês, especialmente a idéia de comunicação com os espíritos dos mortos através do transe, com a finalidade de se praticar a caridade entre os dois mundos, pois os mortos devem ajudar os vivos sofredores, assim como os vivos devem ajudar os mortos a encontrar, sempre pela prática da caridade, o caminho da paz eterna, segundo a doutrina de Kardec. A umbanda perdeu parte de suas raízes africanas, mas se espraiou por todas as regiões do País, sem limites de classe, raça, cor. Mas não interferiu na identidade do candomblé, do qual se descolou, conquistando sua autonomia. O candomblé também mudou. Até 20 ou 30 anos atrás, o candomblé era religião de negros e mulatos, confinado sobretudo na Bahia e Pernambuco, e de reduzidos grupos de descendentes de escravos em distintas regiões do País. No rastro da umbanda, a partir dos anos 1960, o candomblé passou a se oferecer como religião também para segmentos da população de origem não-africana.” (Prandi, in <file:///C:/Documents%20and%20Settings/trigo/Meus%20documentos/Prandi%20Deuse%20africanos%20no%20Brasil.htm>)

Essas religiões sofreram preconceitos no passado e ainda hoje são estigmatizadas por alguns grupos evangélicos. O maior estranhamento deve-se aos cristãos, por causa da imolação (matança de animais), mas os judeus e muçulmanos exercitam essa prática. Alguns grupos judeus matam animais na festa denominada Kaparot, como purgação dos seus pecados. Os muçulmanos, no final do Ramadã, matam cordeiros, na Eid-Al-Adha, festa de sacrifício do Islã, onde sacrificam carneiros, igualmente para remissão dos pecados. O sacrifício do cordeiro e de outros animais no templo de Javé é descrito como normal em vários livros do Antigo Testamento.

Para Tasso Gadzanis, vice-presidente da São Paulo Turismo e profundo estudioso de religiões afro-brasileiras, a valorização e o respeito das culturas negras no Brasil, deve-se diretamente ao Candomblé, pois ele garante um lado místico que atende aos anseios populares. O candomblé é a resposta psicológica para determinado problema pessoal. Tudo é ligado ao antepassado, pelo qual há um respeito muito grande

e isso cria um espírito de consciência histórica e coletividade que permite a dignidade das pessoas.

Não há um consenso sobre o número dos deuses no panteão africano. Os antigos autores europeus consideravam 402 Orixás do candomblé (Mãe Menininha de Gantois os chamava de *Encantados*). No Brasil, cultua-se cerca de duas dezenas. Roger Bastide compara os nomes das divindades nos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio grande do Sul, Rio de Janeiro, Pará, e Maranhão e em Cuba e Haiti e descreve um total de 22 divindades (Bastide, 1971, p. 364-369). Reginaldo Prandi enumera 16 Orixás da nação queto. Não importa o número, mas a essência e o significado desses orixás para as pessoas, negras ou não, que se reúnem sob sua crença e rituais comunitários.

O turismo étnico afro deve considerar suas raízes e elas são animistas, trazidas da África e influenciadas pelos nativos brasileiros e pelo catolicismo europeu. Respeitar as religiões de origem africana é a base, a plataforma a partir da qual pode se estruturar o planejamento, a operação e a gestão dos roteiros e destinos turísticos nessas comunidades com uma história ao mesmo tempo tão rica e sofrida. A chave da valorização das culturas negras no Brasil e em outros lugares das Américas passa pelas religiões africanas e sua articulação com outras culturas, sua influência poderosa e lúdica, tão diferente da melancolia ou seriedade dos espíritas, dos evangélicos e de alguns católicos. O animismo africano mesclou-se com o catolicismo popular graças aos seus cantos, danças, cores e profusão de santos que competem com a divindade central cristã, por sua vez tríplice (Deus-Pai-Espírito Santo) e com uma mãe igualmente santa e venerada. O antropólogo francês Pierre Fatumbi Verger, ao longo de sua obra, teve a capacidade de encontrar os pontos comuns entre o Brasil e a África, proporcionando contatos e trocas que enriqueceram ambos os lados do Atlântico, sendo por isso respeitado e aceito pelo povo de Santo, tanto que inseriu o nome africano *Fatumbi* entre seus nomes originais franceses.

O turismo étnico afro no Brasil depende de se compreender como a sociedade brasileira trabalha a diversidade étnica, sexual, religiosa e cultural. Deve ser, especialmente, uma vertente avançada e complexa da democracia inclusiva e

participativa, proposta a todos os segmentos sociais, inclusive os historicamente marginalizados e excluídos. Finalmente, as religiões afro possuem uma estética, uma densidade cultural e histórica comparável a outras religiões estabelecidas como as diversas vertentes cristãs, o judaísmo, o islamismo ou as religiões orientais. Respeitar esse arcabouço histórico e geográfico, étnico e cultural, ajuda a construir um turismo mais amplo e inclusivo, para uma sociedade mais tolerante e participativa onde a cidadania não pertence a elites ou grupos minoritários, mas é repartida por toda a sociedade.

Referências bibliográficas

ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres – a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. 2 vol. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1971.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2008.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas*. Salvador: EDUFBA, 2010.

DIAS, Tânia Maria da Cunha. *A baiana do acarajé*. Dissertação de mestrado apresentada em Administração, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004

PRANDI, Reginaldo. *Os príncipes do destino – histórias da mitologia afro-brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. *Os tambores da ilha*. Brasília: IPHAN, 2006.

TRIGO, Luiz G. G. *Trópicos divertidos – viajando pela cultura brasileira*. In TRIGO, L.G.G (Org.). *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*, p. 95, São Paulo: Roca, 2005.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Turismo étnico afro na Bahia. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Salvador: Corrupio, 2002.